

## PAULO FREIRE (1921-1997): EDUCAÇÃO COM AUTONOMIA E COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Adelaide Ferreira Coutinho<sup>1</sup>

Luís Flávio Coelho Gonçalves<sup>2</sup>

Paula Roberta Coutinho Rodrigues<sup>3</sup>

### RESUMO

Esse trabalho tem como objeto o legado de Paulo Freire (1921-1997) para a educação brasileira. O objetivo é apresentar reflexões acerca da produção freireana para a educação nacional, destacando-se, especialmente, as categorias educação, autonomia e liberdade, pela importância com que as mesmas se apresentam em toda sua obra. Justifica-se essa escolha pela importância que a obra de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, representa enquanto trabalho militante dedicado à educação libertadora. Esse educador brasileiro, conhecido mundialmente, fez importantes formulações teórico-metodológicas dedicadas à formação dos educadores e educadoras e em defesa da escola pública. A metodologia adotada para essa comunicação tem como referência a dialética materialista histórica representada por meio de obras do campo das Pedagogias Progressistas no Brasil, em particular, a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Tal procedimento não se constitui um problema metódico, uma vez que Paulo Freire esteve próximo dos ideais socialistas em sua luta contra a opressão. O caráter político de sua obra está assentado na perspectiva de emancipação humana, o que se realiza fundamentalmente como processo de desalienação pela educação com autonomia e liberdade. Conclui-se que Freire escreveu uma obra militante e anticapitalista, a qual os educadores e educadoras devem adotar se pensam a educação para além da lógica mercantil e se visam superar a sociedade de classes.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, Educação, Pedagogia Libertadora, Educação e Autonomia.

### INTRODUÇÃO

A obra de Paulo Freire, *Patrono da Educação Brasileira*, precisa ser constantemente referenciada uma vez que todo seu trabalho militante foi dedicado à *Educação como prática da liberdade (1983)* e a fazer formulações teórico-metodológicas dedicadas à educação dos oprimidos e à formação dos educadores e educadoras.

O caráter político de sua obra está assentado na perspectiva de emancipação humana, o que se realiza fundamentalmente como processo de desalienação pela educação com autonomia e liberdade. Assim, considerando-se que na sociedade de classes em que vivemos a alienação é uma condição de sustentação da lógica do capital.

Ressalva-se que Paulo Freire tornou-se referência permanente nas lutas por direitos sociais e políticos e nas ações de educação desenvolvidas por campanhas e projetos de educação popular no interior de escolas e nos movimentos sociais; associações e sindicatos, no campo e na cidade, especialmente, no Brasil.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente Pesquisadora Aposentada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). [adelaide.fcoutinho@gmail.com](mailto:adelaide.fcoutinho@gmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Educação pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Designer. [flavio-c-g@yahoo.com](mailto:flavio-c-g@yahoo.com)

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Assessora Técnica da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI). [paulacoutinho.inova@gmail.com](mailto:paulacoutinho.inova@gmail.com)

Portanto, o objetivo desses escritos é continuar a refletir sobre o legado político-pedagógico da obra freireana, em diálogo com outras referências teórico-metodológicas do campo histórico-crítico, tendo em vista explicitar os fundamentos adotados por essas pedagogias e suas contribuições à educação.

Nessa comunicação pretende-se dialogar com o legado freireano, de opção política cada vez mais radical, na formulação de reflexões antiliberais (e neoliberais e conservadoras), tendo em vista a contraposição à educação como mercadoria e em defesa da educação pública com qualidade socialmente referenciada.

Antecipa-se que para a escrita desse texto o referencial teórico-metodológico adotado está radicado na dialética histórica-materialista, em diálogo com as pedagogias progressistas ou contra hegemônicas, a exemplo a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, por constituírem as referências-base que orientaram essa autora tanto na docência quanto na Educação do Campo.

Adotar Paulo Freire e sua obra como referencial da práxis educativa não é nenhuma novidade metódica ou política, uma vez que o próprio Paulo Freire na construção de sua Pedagogia foi amalgamando saberes e experiências, cada vez mais comprometidas com a educação popular. Ainda, Freire jamais rejeitou a forma escolar, mas criticou rigorosamente a escola que contribuía para a alienação, pela via da educação bancária.

Freire pensou uma educação omnilateral para fazer frente à educação bancária, igualmente aos pensadores da Pedagogia Socialista.

Frente à realidade da alienação humana, na qual todo homem, alienado por outro, está alienado da própria natureza, e o desenvolvimento positivo está alienado a uma esfera restrita, está à exigência da onilateralidade, de um desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação (MANACORDA, 2007, p.87).

Para Freire (1997, p.32), a prática educativa era algo muito sério.

Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo. Em suma, ainda que não possamos afirmar que aluno de professor incompetente e irresponsável é necessariamente incapaz e faltoso de responsabilidade ou que aluno de professor competente e sério é automaticamente sério e capaz, devemos assumir com honradez nossa tarefa docente, para o que a nossa formação tem que ser levada em conta rigorosamente.

Nesse contexto/processo de elaboração dos fundamentos da Pedagogia Libertadora o pensador brasileiro assumiu uma postura de denúncia contra a trama das elites e, até o fim de

sua vida, aos ditames neoliberais do capitalismo na educação brasileira, quando tomava posicionamento contra o arbítrio do poder e contra toda e qualquer forma de discriminação, exploração e espoliação da condição humana, anunciando que, sim, era possível antever uma nova educação como práxis comprometida com a formação humana omnilateral e a transformação social (FREIRE, 2019).

## **É NECESSÁRIO MANTER A ESPERANÇA MILITANTE**

Paulo Freire (2019) não concebia a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor sem a Esperança e sem o Sonho. Assim, afirmava ser a Esperança uma necessidade ontológica e a desesperança como uma esperança que, perdendo o endereço, a direção, tornou-se distorção daquela necessidade ontológica. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2019, p.5), contudo, torna-se impossível esperar e sonhar sem que estas sejam ancoradas na prática ou práxis, como algo concreto, sem deixar de reconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que explicam esse dever.

Manter vivo o legado de Paulo Freire em defesa da educação pública nacional, principalmente, considerando-se a conjuntura política brasileira demarcada nos últimos anos por práticas obscurantistas, neoconservadoras e autoritarismos crescentes, tendendo ao fascismo ou caracterizadas como profascistas. Segundo Fontes (2021), construiu-se em nosso país uma espécie de figura bifronte, cujas patas são destinadas ao emprego da violência por meio da repressão e da comunicação.

A cabeça bifronte é radicalmente doutrinária e sectária, tanto na concepção de mundo quanto na economia. Para sustentar tal cabeça, estabeleceu uma retaguarda brutal e estreitamente alinhada. Janus macrocéfala Trata-se de cabeça desproporcionada. A dupla face reúne de um lado as pregações protonazistas supostamente anti-sistêmicas, ataca diuturnamente um inventado „marxismo cultural“, além de realizar pregações bíblicas descontextualizadas. É virulenta e imprevisível. A segunda face professa um ultra-liberalismo totalmente amoral. Essa junção conservadora-liberal parece estranha a alguns, mas está evidenciando a proximidade contemporânea entre a expansão do capitalismo e os requentados traços nazi-fascistas, o que a história pessoal de Paulo Guedes já demonstrava, desde sua vivência no Chile de Pinochet. Sem falar do profundo desprezo pela democracia ou pela vida das grandes majorias da população insistentemente pregados por grupos ultraliberais, como os da Escola de Chicago ou os ligados à Sociedade Mont-Pélerin. A conexão entre o ultraliberalismo econômico-filosófico e o fascismo é um dos temas mais importantes da atualidade (FONTES, 2019, p.2).

Mesmo tendo se alterado a correlação de forças políticas no poder do Estado brasileiro a partir de 2023, não se pode idealizar mudanças sem organização e luta política. Para Leher (2020), no campo da educação é necessário que se apreendam os mecanismos usados pelos

setores dominantes que, hoje, se hegemonomizam na construção de alternativas para a educação pública, laica, unitária, como é o caso, para ilustrar, das organizações empresariais do agronegócio que atuam na Educação do Campo, sob um paradigma contrário a esta. Assim, não será fácil mudar os rumos da educação e do trabalho docente, afetados pelas atuais políticas educacionais. Mas, é preciso dialogar no sentido mais radical de Paulo Freire (1983) e lutar para supera a atual realidade.

Conforme estudos de Martins (2016) e Freitas (2018), a política brasileira e o modelo econômico adotado são determinantes sobre as políticas de educação, estas últimas, tendo gestão influenciada por organizações empresariais neoliberais, representadas por um amplo e complexo “terceiro setor” (ONGs, Institutos, Fundações, Associações etc.). Essa realidade requer enfrentamentos organizados no âmbito da educação e escola pública, particularmente, pelos educadores e gestores escolares e uma das frentes de luta é adoção de concepções pedagógicas que tratem da educação e da formação dos educadores e educadoras, para além do fenômeno currículo e didática, mas, situando-as no contexto maior das relações sociais de classes.

Portanto, considera-se necessário manter-se viva a luta de Paulo Freire em defesa da educação pública, dos explorados e oprimidos. Reafirma-se que por meio da prática educativa libertadora e fundamentada nas pedagogias progressistas possa-se contribuir para fomentar o desejo de transformação social, pela superação do projeto capitalista de sociedade, condição para a sociedade socialista.

Isso se justifica pelo fato de a Pedagogia Burguesa ao tomar para si o problema educativo, jamais o fará na perspectiva da classe trabalhadora, uma vez que seu projeto está em oposição às necessidades e princípios educativos que foram se desenvolvendo no decurso dos últimos séculos pelas classes oprimidas, especialmente pelas classes trabalhadoras. Assim, somente os oprimidos ou a classe trabalhadora comportam a concepção de educação cuja determinação clara de objetivos determinam os meios e o conteúdo pedagógico para o desenvolvimento da consciência no campo do ensino e para a atuação revolucionária, conforme Marx (SUCHODOLSKI, 1976).

Antecipa-se que não se pretende apresentar um Paulo Freire caricaturado, conforme *Os Múltiplos Paulo Freire*, texto da pedagoga equatoriana Rosa Maria Torres, em que há quase 20 anos, já identificava que “seguidores e críticos frequentemente coincidiram em reduzir [Paulo Freire] a uma caricatura de si mesmo, enquadrando seu pensamento em uma única área (em geral, a alfabetização de adultos como o apresentam alguns opositores ou leitores incautos) e restringindo-o a uma série de clichês e mesmo a um método” (TORRES,

2001, p.232). Mas, adotar um Paulo Freire estudado rigorosamente (uma espécie de Filologia), por meio de seus escritos originais e interpretado à luz da história, da política e da educação.

Considera-se que é possível Esperançar com a obra Freireana em diálogo com os referenciais teóricos das pedagogias contra hegemônicas, pois elas apresentam fecundos caminhos para a finalidade da educação com autonomia e como prática de liberdade, sem medo de que nos identifiquem como radicais, pois é preciso, sim, ir à raiz dos fenômenos para poder transformá-los, como tão bem Paulo Freire (2004) nos ensinou. Isso pode ser tomado como um exemplo de tolerância, o que não significa ocultar ou negar as diferenças, mas uma virtude revolucionária que consiste na convivência com os diferentes, para que se possa melhor lutar contra os antagônicos (FREIRE, 2019a).

Nesse sentido, Paulo Freire convidava os educadores progressistas a marcharem coerentes, sem fugir da história, firmes e se afirmando numa radicalidade, sem jamais se alongar em sectarismo (FREIRE, 2019a), uma vez que a educação está em constante mudança, decorrente, algumas delas, das contradições internas do fenômeno e, outras (a maioria), das transformações mais profundas da sociedade em seu processo de produção da existência, hoje, bem mais reacionárias do que progressistas.

Dá a necessidade da compreensão realmente dialética da confrontação e dos conflitos sobre a realidade e não sua inteligência mecanicista que, muitas vezes, a prática assim chamada é, de fato, puramente mecânica, de uma dialética domesticada.

Em lugar da decretação de uma nova História sem classes sociais, sem ideologia, sem luta, sem utopia, e sem sonho, o que a cotidianidade mundial nega contundentemente, o que temos a fazer é repor o ser humano que atua, que pensa, que fala, que sonha, que ama, que odeia, que cria e recria, que sabe e ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro de nossas preocupações. Restaurar assim a significação profunda da radicalidade. A radicalidade de meu ser, enquanto gente e enquanto mistério, não permite, porém, a inteligência de mim na estreiteza da singularidade de apenas um dos ângulos que só aparentemente me explica. Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor de minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos na análise do que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança (FREIRE, 1993, p.9).

Um exemplo de incoerência/inconsistência política e metodológica é citar Freire como fonte de fundamentação teórica em propostas curriculares com as quais ele jamais pactuaria, a exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É preciso que os formuladores da política educacional, em curso no Brasil, saibam que a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire é uma Pedagogia da Liberdade e da Esperança e que jamais se converteu numa Pedagogia que

servisse à ordem burguesa, como ordem adequada à natureza e à razão, para a manutenção e eternização dos interesses dessa classe. Tem sido comum alguns educadores e estudiosos que, se dizendo “*filiados*” ao pensamento freireano, ingenuamente, ou por opção, propagarem teorias que estão em sintonia com as reformas empresariais da educação (FREITAS, 2018) e, nesse sentido, ao invés da liberdade e do esperançar freireano se colocam a serviço (teoria e prática) da classe dominante e, portanto, contra os oprimidos na formulação e execução da política educacional. Tal fenômeno não é novo e, segundo Suchodolski (1976), ocorre desde a época em que a pedagogia da liberdade deixa de ser uma pedagogia contra a ordem feudal e transforma-se progressivamente numa pedagogia adequada e servil à ordem burguesa.

No âmbito da educação pública brasileira cabe, especialmente, aos seus intelectuais educadores e suas organizações, terem o entendimento freireano acerca da educação como ato especificamente humano e político. “A educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente” (FREIRE, 2004, p.35)

Nós educadores devemos fazer a opção progressista sermos coerentes com o ato de educar e se educar, tanto como reflexão que parte da realidade concreta, quanto como ação que se materializa na instituição escolar e para além desta, tendo em vista transforma as relações sociais, uma vez que o ato de realização desse fenômeno – a educação – não ocorre fora da sociedade, é sempre nela, para ela ou contra ela.

## **EDUCADORES E EDUCADORAS ASSUMAM A DIREÇÃO!**

Paulo Freire alertava que, nós educadores e educadoras das escolas brasileiras, vamos enfrentar a disputa pela hegemonia do modelo de educação que se quer oferecer. Assim, diante de meus alunos e alunas,

Não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador (FREIRE, 2004, p.35).

Devo saber de que lado estou e a serviço de quem e/ou contra quem coloco o meu trabalho como educador e educadora. Para o educador Paulo Freire (apud BEISIEGEL, 2010, p.115)

era impossível, hoje como ontem, é pensar, mais do que pensar, é ter uma prática de educação popular em que, prévia e concomitantemente, não se tenham levado e não





se levem a sério problemas como: que conteúdos ensinar, a favor de que ensiná-los, a favor de quem, contra que, contra quem. Quem escolhe os conteúdos e como são ensinados.

Ainda, em *Pedagogia da Esperança* (2019a) Freire, referindo-se à sua gestão como Secretário Municipal de Educação de São Paulo, observava que:

hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem incluem vigias, merendeiras, zeladores. Formação permanente, científica, a que não falte, sobretudo, o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que resulte a ingerência crescente dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola. (FREIRE apud BEISIEGEL, 2010, p.115).

Conforme Duarte (2020, p.37) para compreender e transformar a realidade as pessoas necessitam “apropriar-se do saber sistematizado que ultrapassa os limites do manejo pragmático das coisas e alcança os processos de movimento da realidade em sua forma mais ampla e mais profunda”. Nesse sentido, os conhecimentos a serem ensinados ou as práticas educativas na escola não devem visar, portanto, apenas a preparação dos indivíduos para as demandas prático-utilitárias da cotidianidade. “A escola deve socializar a cultura científica, artística e filosófica de maneira que possibilite às pessoas a compreensão da realidade e de si próprias como parte dessa mesma realidade” (DUARTE, 2020, p.37).

“Nesse sentido, creio não encontrar objeção à ideia de que a educação deva contribuir para a liberdade humana” (DUARTE, 2020, p.37) e, portanto, Freire (1983; 2004; 2019) estava certo ao pensar a Educação como Prática de Liberdade em sua *Pedagogia Libertadora*. “O silêncio e a indiferença serão um posicionamento político e ético anti-humanista que nenhum discurso sobre neutralidade e objetividade conseguirá disfarçar” (DUARTE, 2020, p.45), face às arbitrariedades que estão sendo cometidas pelo Estado em nome da política e pela saúde do mercado; ao agravamento da pobreza em miséria; à eloquência neoliberal com que se ofertam aos pobres o mínimo possível de meios e recursos para viverem.

Nosella (2007), em prefácio à versão brasileira da obra do pensador italiano Mario Alighiero Mancorda, *Marx e a Pedagogia Moderna*, afirma que uma “filosofia é viva enquanto expressa a problemática própria da época que a suscitou e é insuperável enquanto o momento histórico de que é expressão não tiver sido superado”. Então, os problemas educacionais da sociedade capitalista são os problemas atuais e fundamentais desta sociedade e, enquanto estes problemas não forem resolvidos/superados, persistirem excluindo, alienando, explorando e oprimindo não se poderá falar que as teorias educacionais e as filosofias que deram origem a elas e que contribuem para interpretar e criticar essa realidade

não são mais válidas. Eis a atualidade do legado freireano para pensar a educação brasileira e mundial.

## RECONHECER PAULO FREIRE COMO UM PENSADOR POLÍTICO DA EDUCAÇÃO

Pensador de uma sensibilidade simultaneamente política, cultural, pedagógica, afetiva, crítica, ética e humanamente atento à realidade concreta de seu tempo, sem se limitar a um único território, mas a complexa relação de produção da sociabilidade capitalista que se dá entre as classes dominantes (proprietárias) e os diversos *esfarrapados do mundo* (proprietários apenas de sua força de trabalho). Em qualquer lugar onde estivessem os oprimidos e fosse necessária a luta por sua libertação, lá estava Paulo Freire a fundamentar a luta, porque sua teoria desvelava os contextos de opressão, os contextos em transição e os contextos de revolução. Freire (2004) entendia o processo histórico como inconcluso e em permanente movimento, por isso entendia que este era passível de ser revolucionado/transformado.

Isso pode ser visto em sua obra *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (FREIRE, p.9, 1978), um misto de humanidade e de crença na formação humana para a transformação social, no sentido mais revolucionário a que isso possa ter.

Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava [...] atravessava a cidade, ela ia se desdobrando ante mim como algo que eu revia e em que me reencontrava [...] os tambores soando no fundo das noites; os corpos bailando e, ao fazê-lo, “desenhando o mundo”, a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar [...] tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava.

Para Freire (1978) não era estranha, de modo algum, a luta em que o povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde, sob a liderança do revolucionário Amílcar Cabral. “Sabíamos o que havia significado essa luta, enquanto forjadora da consciência política de grande parte do povo, bem como da de sua liderança”. (FREIRE, p.10, 1978). São essas andanças que fizeram Paulo Freire ser reconhecido mundialmente como educador popular comprometido com a libertação, a autonomia e a transformação social da realidade dos povos oprimidos.

Um exemplo desse reconhecimento está no livro intitulado *Paulo Freire: Política e Pedagogia*, publicado em 1998, organizado por Michael Apple e António Nóvoa, reunindo artigos de especialistas em educação mundial e amigos de Paulo Freire, entre os quais se podem citar: Apple; Torres; Furter; Puiggrós; Fernandes; Saul; Pintasilgo; Nóvoa. No



Prefácio, escrito por Maria de Lourdes Pintasilgo, há um manifesto sobre a Pedagogia Libertadora, tão cara a esse pensador brasileiro. Segundo a autora,

Estamos longe de uma “pedagogia” que apenas fosse um a outra “tecnologia educativa” ou mais um substituto científico para o envolvimento com a fisionomia multifacetada da realidade. Trata-se da pessoa, das relações entre os que socialmente são tidos como ensinando e aprendendo. Se método existe, ele é o resultado de uma vivência e a procura de um caminho de liberdade para cada pessoa. O que Paulo Freire propõe é de facto um objectivo político, no mais exacto e nobre sentido que a política pode ter: “Educação para a libertação” (Apud APPLE; NOVOA, 1998, p.14).

Essa interlocução com o pensamento revolucionário desse educador, registrado em algumas de suas obras relevantes, particularmente, a *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2004) é basilar para a formação docente, pois, além de manter viva a luta em defesa da educação e escola públicas, trata-se de uma declaração de compromisso político com todos os educadores brasileiros, inclusive, aqueles que se dizem contrários à vertente de seu pensamento.

Freire (2004), não fez de *Pedagogia da Autonomia* um receituário à prática docente, mas nos ensinou que a experiência de aprender, de conhecer, por parte de quem se prepara para a tarefa docente, envolve necessariamente *Estudar*. Para ele o Educador é leitor da palavra e do mundo e desafiou, o tempo todo, seus leitores e leitoras educadores, de que há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa, enquanto práxis – mudança, transformação, superação – quer seja na condição de aprendizes (professores em formação) ou como ensinantes (no exercício do magistério) e, por isso, aprendizes (aprendendo com nossos alunos). Porquanto, independentemente do carácter atribuído à educação e da prática docente progressista ou conservadora, não há como negar o pressuposto de que não há docência sem discência e que ensinar exige rigorosidade metódica e é uma especificidade humana (FREIRE, 2004).

Por isso, o estatuto da Formação Humana é tão importante na obra freireana. A pergunta que homens e mulheres formar? E para qual sociedade? Faz-nos identificar um Freire (2004) que tinha a clareza de que a burguesia jamais asseguraria educação de qualidade; a educação como sinônimo de consciência no mundo e com o mundo. Para Freire (2004), somos didaticamente capazes de ensinar que um mundo sem desigualdade é possível, basta que se destruam as bases fundamentais da sociedade capitalista que produzem a exploração, a desigualdade social.

É nesse sentido que Caldart (2020) nos ensina:

Educar desde uma perspectiva emancipatória é ajudar a produzir um movimento consciente de combate à alienação, em todas as suas formas e dimensões, ainda no interior da ordem social que tem a alienação humana como pilar de sustentação da

sua lógica de exploração e de dominação de classe. Trabalhar sobre esta contradição, intencionalizando movimentos de desalienação, é condição para formar sujeitos coletivos capazes de construir alternativas à forma de relações sociais de produção que gera a alienação. (CALDART, 2020, p.2).

Conforme Lima (2018), para além da alfabetização é preciso ver Paulo Freire como um intelectual-povo que produziu ativamente uma Pedagogia do Oprimido e que, até a sua morte repentina, em 1997, deu o melhor exemplo de um educador que primou pela compreensão dos fenômenos como totalidade, na dialética do movimento real da vida e dos fenômenos aos quais se dedicou a estudar. Um conjunto articulado de reflexões ao longo de sua vida, calcado nas circunstâncias históricas do Brasil, mas sem descuidar da América Latina.

No campo da educação Freire (2001, p. 261) afirmava que “a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto mais sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade”, ou seja, relacionar o conhecimento sistematizado (episteme) com o conhecimento prático, empírico (doxa). Para tanto, “um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade à generalização que se opera na linguagem escolar e desta ao concreto tangível” (FREIRE, 2001, p.261).

Uma das formas de realizarmos este exercício, segundo Freire consiste na apreensão do que ele se referia como *leitura da leitura anterior do mundo*, que era entendendo-se como *leitura do mundo* aquela que precedia a *leitura da palavra* e “que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade”. Mas, deixava claro que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta, ela não pode ser desprezada como leitura inferior, é ponto de partida e de chegada, “da leitura que se fará a partir do mundo abstrato dos conceitos que vai da generalização ao tangível” (FREIRE, 2001, p.261).

## CONCLUSÃO

Paulo Freire jamais negou a ciência; não negou o conhecimento escolar; não negou o papel docente na mediação do conhecimento; não negou a importância da construção reflexiva na apreensão do saber escolar; nem o papel de homens e mulheres na história e a perspectiva de transformação social.

Esse é um alerta, pois na atualidade, ainda que possa parecer que esteja em curso à valorização das identidades, a diversidade cultural, que haja *o lugar de fala*, a realidade concreta demonstra que tudo desmorona e que há uma hegemonia das teses conservadoras,

neoliberais e neofacistas, contrárias a emancipação humana. É nesse sentido que Freire mostrava que a história da humanidade não se faz por determinações e circunstâncias que não possam ser mudadas, essa uma aprendizagem revolucionária.

O movimento que se dá no contexto da luta de classes é, simultaneamente, antagônico e contraditório, porque os sujeitos do processo são homens e mulheres concretos. Assim, sempre haverá espaços de convivência e organização social que gerarão conservação e transformação, daí a importância da tese de Marx e Engels (1993), que podia ser Freire, “o Educador precisa ser educado”.

É possível afirmar que a “Educação Libertadora” de Freire é representante da grandeza do pensamento revolucionário de muitos educadores brasileiros, cuja concepção de educação está firmada na luta contra a visão mercadológica de educação no sistema do capital. Paulo Freire, “Patrono da Educação Brasileira”, é autor de uma “utopia revolucionária” a Pedagogia Libertadora ou a Filosofia de Educação, tecida sob o ponto de vista da defesa dos “condenados da terra”, dos excluídos, pautada no que chamou de *ética universal do ser humano*, no sentido da necessidade de rigorosidade ética em contraposição a “ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro”.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). **Paulo Freire: política e pedagogia**. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento: processo histórico e chave metodológica. In: **Grupo de Estudos do MST sobre Reforma Agrária Popular e Educação**, São Paulo, set. 2020, p.1-13; **Seminário do Coletivo Político-Pedagógico da Escola Nacional Paulo Freire-Levante Popular da Juventude**, São Paulo, fev. 2021, p.1-13 *online*.

DUARTE, Newton. “**Um montão de amontoado de muita coisa escrita**”. Sobre o alvo oculto dos ataques obscurantistas o currículo escolar. In: MALANCHEN, Julia; MATOS, Neide da Silveira Duarte de; ORSO, José Paulino (Org.). *A pedagogia histórico-crítica, as políticas educacionais e a base nacional comum curricular*. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

FONTES, Virgínia. **O profascismo: arranjo institucional e policialização da existência**. Disponível em: <https://www.marxismo21.org/wp-content/uploads/2019/12/Virg%C3%ADnia-Fontes-O-profascismo-%E2%80%93-arranjo-institucional-e-policializa%C3%A7%C3%A3o-da-existencia-1.pdf>. Acesso em: 20.07.2021

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Estudos Avançados**, 15 (42), 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREITAS, Luís Carlos de. A Reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEHER, Roberto. **Compreender o que fazem os setores dominantes quando dominam para construir alternativas para a educação pública, laica e unitária.**

In: LAMOSA, Rodrigo (Org.). **Classe dominante e educação em tempos de pandemia: uma tragédia anunciada.** Editora Terra sem Amos: Parnaíba, 2020.

LIMA, Venício A. de. **Os 50 anos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.** Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/311480-1>. Acesso em junho de 2019.

MARTINS, Erika Moreira. Todos pela educação? como os empresários estão determinando a política educacional brasileira. São Paulo: Lamparina/FAPESP, 2016.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã (I-Feuerbach).** São Paulo: Hucitec, 1993.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **O significado de Marx e Engels para a história da pedagogia.** In: Teoria marxista de educação. Lisboa: Estampa, 1976. Vol. III, cap. IX, p. 131-180.

TORRES, Carlos Alberto. **A Pedagogia política de Paulo Freire.** In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, António (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).